

SPERLING, Sacha. *Ilusões pesadas*. Tradução de Reinaldo Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 174 p.

O interesse do ser humano pela vida alheia é algo que sempre existiu, no entanto, esse desejo de burlar a privacidade de outrem nunca teve tanto consentimento quanto na atualidade. As biografias sempre fizeram sucesso. As não-autorizadas muito mais, por narrarem acontecimentos que a personalidade não gostaria de compartilhar com o público. Fato curioso, e já corriqueiro, é a forma como os indivíduos do novo milênio expõem suas vidas em redes sociais e *blogs*.

Valendo-se dessa tendência em relatar os fatos cotidianos – muitas vezes maquiados –, o jovem Sacha Sperling, filho dos cineastas franceses Alexandre Arcady e Diane Kurys, aproveitou o nicho de mercado literário referente a publicações sobre o cotidiano juvenil. Em 2009, com apenas 18 anos, publicou um romance autobiográfico, lançado este ano pela Companhia das Letras, com o título *Ilusões Pesadas*. Nele, são narradas as aventuras e ilusões do período entre os 14 e 15 anos do autor. O narrador-personagem, Sacha Winter – alter ego de Sperling –, pertence à classe alta parisiense, o que lhe permite uma adolescência regada a festas, sexo, drogas e rock’n roll.

Não é a toa que Sperling foi considerado uma grande promessa das letras francesas, pois não desperdiçou seu conhecimento cinematográfico, presente no cotidiano da família; pelo contrário, escreveu suas memórias romanceadas como se fosse um cineasta que edita as imagens mais marcantes de um ano de sua vida, dizendo ao leitor: “Aproxime-se de mim. Close na minha cara. Close fechado nos meus olhos. Dá pra ver essa tensão no meu olhar, essa impaciência? É como se estivesse no cérebro, no corpo, até mesmo no coração, talvez uma bomba-relógio” (p. 9).

Os capítulos lembram páginas de um diário: cada novo capítulo corresponde a um registro diferente, ou seja, outro dia a ser contado, com *flashbacks* de pensamentos e vivências da infância, os quais elucidam situações e sentimentos presentes. A escrita é culta, mas permeada de diálogos juvenis, com palavrões e gírias típicas da idade.

Augustin, um garoto com quem Sacha possuía alguns amigos em comum, começa a sair com ele e suas amigas. Em um desses encontros regados a música alta, drogas e sexo, as garotas propõem aos dois que se beijem, concordando em fazerem o mesmo depois. Por sentirem algo especial durante o beijo, os meninos resolvem repetir a dose, criando uma parceria que em nada beneficiaria Sacha, o qual já mantinha uma relação conturbada com seu pai e

seus meio-irmãos. O uso de novas drogas e novas experiências sexuais passaram a fazer parte de sua vida desregrada onde o estudo dá lugar a festas e aventuras noturnas pelas ruas francesas. Uma dessas ruas, onde jovens se reúnem para consumir – e serem consumidos por – substâncias psicodélicas, é descrita em meio a um fluxo de consciência:

Eles procuram por luz. A luz, taí uma coisa que não se acha. De repente neons se acendem, de todas as cores, e agora eles sentem falta da obscuridade. Agora eles podem ver por onde andam, e é pior assim. Diante deles, montanhas de corpos. Alguns ainda se mexem. [...] Os jovens de olhos avermelhados gritam. Eles sabem que estão feridos. A questão para eles agora é conseguir se curar. Eles compreendem: basta fechar os olhos (p. 83).

As músicas são constantes no livro, como o são na vida de qualquer adolescente, funcionando como trilhas sonoras para o filme sobre o cotidiano de Sacha, corroborando a ideia de que o narrador é um cineasta de sua autobiografia. As músicas fazem pensar. Um exemplo é a não-compreensão de uma palavra de *Stairway to Heaven*, do Led Zeppelin: “living ou leaving” (p.106). Sacha inicia uma reflexão sobre “viver” ou “partir” e o vazio de existir, enquanto sua vida segue no compasso de uma canção, que era pop e dançante, para ruir em um *heavy metal*, que lhe custa uma repetência e uma desilusão pessoal.

Ao reprovar, a vida desregrada, cheia de festas e cabulações, dá um choque de realidade no protagonista, o qual se percebe uma cópia de si mesmo, do que era, fazendo-o sentir medo do que é. O mesmo sentimento o domina ao saber-se titio, percebendo-se membro de uma família ignorada por ele durante toda a vida, à qual não sabe se é capaz de voltar e reparar os anos de indiferença, pois, mesmo nas diversas viagens e férias familiares para o Marrocos, China, Tunísia, Ilhas Maurício, Estados Unidos, Sacha jamais desfrutou da companhia deles. Inclusive os lugares, somente lhe trouxeram alegria, quando em companhia de Augustin. Aquele tinha consciência das implicações futuras de seguir os passos de deste, todavia, a falta de perspectiva e o envolvimento sentimental tornam-o um discípulo de Augustin, sem perceber que ele se alimenta das emoções alheias.

Sob efeito de narcóticos, numa suíte do hotel Lutetia, Sacha personifica sua consciência em um homem chamado Clay, o qual ele sente também estar perdido. O diálogo imaginário entre Sacha e Clay é cabal para a compreensão das atitudes de jovens que seguem o caminho das transgressões, mesmo sabendo das pesadas consequências que trará:

Não consigo achar um único lugar onde eu gostaria de estar, um só lugar onde eu me sentiria bem. Ele prossegue: ‘você não sabe onde gostaria de estar porque você é como eu, como eles. [...] você não tem nenhum desejo que possa te transportar a outro lugar. Nenhum objetivo. Seus prazeres são tréguas, fáceis e rápidas. Você tem tudo e, no entanto, você se vê pouco a pouco com o coração vazio e a cabeça cheia

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. 232 - 234, jan.-jul., 2011. Recebido em 31 maio; aceito em 7 jun. 2011

de imagens violentas, as únicas capazes de fazer você se lembrar de que ainda está vivo. Aliás, tudo o que você faz, absolutamente tudo, é para provar a si mesmo que você está vivo' (p. 91).

De certa forma, é isso que todos os blogueiros e tuiteiros fazem a cada *post*, a cada *tweet*: mostram que continuam vivos, continuam fazendo parte deste universo. O livro é um exemplo do valor da juventude que, embora não siga todas as regras estipuladas pela sociedade, possui qualidades esperando para serem descobertas – como o veio literário de Sperling. Também é ótima opção de leitura para quem se conforta em saber que as ilusões alheias podem ser mais pesadas que as suas, mesmo que esse peso tenha sido exagerado pela criatividade do autor.

Rudião Rafael Wisniewski

Mestre em Letras, pela URI-FW. Professor do IFFarroupila.